

Da ética humanitária a uma ética planetária

From a humanitarian to a planetary ethics

José Neivaldo de Souza*

Doutor em Teologia.

Professor na Faculdade Evangélica do Paraná.

nei_valdo@yahoo.com.br.

Resumo:

É fundamental que articulemos novos valores que, a partir de uma consciência crítica e ilimitada, possa transformar velhos hábitos. O conceito de amor ficou restrito à razão e esta se tornou o critério de toda dominação, trazendo mais uma noção de cumplicidade entre os racionais do que um sentimento de solidariedade entre todos os seres da terra. Neste sentido, urge uma reflexão que diferencie as visões éticas: uma a humanitária, que se estabelece tendo o ser humano como origem e fim de toda existência; a outra, planetária, em que se propõe a repensar o conceito “vida” como um todo, ligando-o ao amor, pois, só pelo amor o ser humano pode se ver como uma parte pelo todo; como um elo pela corrente; como um ser pelos seres; como uma vida pela a vida.

Palavras-chave:

Ética humanitária. Ética planetária. Vida.

Abstract:

It is essential that we articulate new values which, from a critical and unlimited awareness, can transform old habits. The concept of love was restricted to the reason, and it became the criterion of all domination, bringing more of a sense of complicity among the rational than a feeling of solidarity among all beings on earth. There is an urge for a reflection that differentiates the ethical perspectives: the humanitarian one, which is established with the human being as the origin and end of all existence, the other, planetary, where it is proposed to rethink the concept “life” as a whole, linking it to love, for only through love human beings can see themselves as a part by the whole, as a link by the chain, as a being by beings, as a life by life.

Keywords:

Humanitarian ethics. Planetary ethics. Life.

A teologia cristã deve dialogar com a ciência moderna e reformular, a partir daí, uma ética capaz de pensar globalmente a vida. É fundamental que, a partir da espiritualidade, articulemos novos valores e transformemos os velhos hábitos, pois como dizia o escritor Joseph Murphy: sem mudanças a vida se torna insuportável. Uma espiritualidade que considere a ética da salvação, não só no sentido da aliança entre Deus e o ser humano, mas numa compreensão mais holística possível, como já se percebe na física, na medicina, na psicologia e na ecologia.

Religião e ciência discordam em vários pontos, mas concordam que a existência deve ter, em comum, um ponto de chegada. Mas, tanto as religiões quanto a ciência, por caminhos diferentes, até hoje comungaram de uma única opinião: a salvação do homem, tornando-se assim critério de dominação e cumplicidade entre os seres racionais. Urge uma reflexão que diferencie as visões éticas: antropocêntrica, que tem o humano como finalidade de toda existência e planetária, que se propõe a repensar o conceito “vida” como um todo. Assim, nos propomos a falar de ética, partindo de uma consciência mais crítica e transformadora de nossos hábitos e valores.

* Graduado e mestre em Filosofia e Psicologia. Doutor em Teologia. Professor na Faculdade Evangélica do Paraná. E-mail: nei_valdo@yahoo.com.br.

Ética

Concordamos com o filósofo P. Singer ao observar que é mais fácil entender o que a “ética não é” do que o que ela é. De fato, tem razão ele, ao partir desse pressuposto e ressaltar que ética não é um código de leis e tampouco um conjunto de proibições de hábitos referentes à sexualidade ou aos valores puramente religiosos, pois se assim o fosse cairíamos num relativismo moral e defenderíamos a ideia comum de que a ética é específica e cada cultura cuida da sua. Tais pressupostos já nos ajudam a compreender o seu caráter mais universal e afirmar que o mais importante não é *definir* o que é ética, mas *ter consciência* de sua principal exigência: ultrapassar o “eu” e “você” para chegarmos ao que há de mais universal ou universalizável: “o ponto de vista do espectador imparcial ou observador ideal”.

Em sua etimologia, ética vem do grego *ethos*, e quer dizer “habitat”, isto é, o meio ou o ambiente que oferece condições bióticas ou não, para o desenvolvimento da espécie animal e vegetal e ética deriva desse radical como arte de organizar, através de uma melhor forma possível os hábitos que levam a uma vida feliz. *Ethos*, como observa Leonardo Boff, é algo inacabado e aberto, pode ser, por cuidado com a vida, transformado: “*Ethos* se traduz, então, por ética. É uma realidade da ordem dos fins: viver bem, morar bem”.¹ Por um lado, todos temos necessidade de um lugar para nos esconder da chuva, do sol, do tempo, um lugar em que possamos nos aninhar, nos relacionar, cuidar dos filhos, dos animais etc. Mas, por outro, sabemos que tal lugar é um bem, por isso deve ser confortável, organizado e harmonioso, de tal forma a nos deixar saudáveis, alegres e satisfeitos na vida. Se entendermos que ética diz respeito aos hábitos e que busca conduzi-los a uma vida feliz não teremos dificuldade em aceitar que se trata de uma ciência da conduta atuando neste grande “habitat” que é o universo.

Se ética nos remete ao “habitat”, cabe a pergunta: habitamos os hábitos ou os hábitos nos habitam? Para início de conversa, teremos que

identificar os conceitos: ética, moral e lei. Nascermos numa cultura de hábitos, bons e ruins e temos que aceitar os costumes e valores determinados como morais e legais. Se os hábitos forem considerados bons, contribuem para a felicidade da sociedade humana, se ruins, serão julgados maus e desastrosos aos indivíduos e sua comunidade. De certa forma, no sentido moral, a pessoa está para os hábitos e as leis vêm como um imperativo, de tal forma a garantir que o bem sobressaia sobre o mal; o justo sobre o injusto. Neste sentido, ao respondermos à pergunta anterior, diríamos que os hábitos nos habitam. Vejamos os exemplos: o consumo de carne é um hábito, moralmente válido, pois contribui para a “boa” saúde do ser humano; chegamos nesta cultura e nos adaptamos a esse costume, imposto por nossos pais, na casa em que fomos acolhidos. Outro exemplo: Pedro pede emprestado o carro de João. Ao pegar o veículo, Pedro não respeita as leis de trânsito, ultrapassa o limite de velocidade, avança o sinal vermelho, etc. Depois de algum tempo as multas chegam à casa de João, dono do carro e responsável pelo veículo que foi fotografado pelos radares. Quem paga por isso? Segundo a lei, João “deve” pagar as multas e ainda perder pontos na carteira de motorista. Vimos dois exemplos que nos mostram o quanto a moral e a lei estão sujeitos a hábitos e costumes de uma determinada cultura.

A ética, ao contrário, deve responder de outra forma: os hábitos nos habitam, e nos adaptamos a eles, mas, de forma *consciente e crítica*, nós habitamos os hábitos, na medida em que somos capazes de optar por eles, afirmando-os, negando-os ou transformando-os em prol, não só da felicidade individual, mas de uma vida feliz mais global. Essa decisão começa em nosso interior, em nossa alma reflexiva e se expande atingindo e transformando o nosso exterior. Neste sentido, podemos dizer que moral e lei são objetos de reflexão da ética. Quanto aos exemplos anteriores, podemos pensar, sob o ponto de vista ético: 1) refletir sobre o hábito de consumir carne, o estrago que faz à saúde humana e o prejuízo que traz ao meio ambiente e, por uma decisão *consciente*, deixar de comê-la, mesmo sendo apaixonado por um churrasco; 2) no segundo exemplo: Pedro, dentro da lei, não precisaria pagar as multas, pois o carro não está sob sua

¹ BOFF, Leonardo. *Ethos mundial*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. p. 28.

responsabilidade, mas ao refletir sobre os hábitos de uma sociedade desonesta e egoísta que “gosta de levar vantagem em tudo”, não somente paga as multas e assume os pontos perdidos, mas decide, por cuidado e respeito ao outro, evitar que hábitos como este tomem conta de sua vida. Com isso, Pedro gozará de consciência tranquila, aproximando-se de forma excelente da justiça. A ética faz com que a moral e a lei se salvem, segundo a excelência de uma reflexão sobre a vida feliz. Talvez seja a isso que Jesus se referia ao dizer que o sábado está para o ser humano e não o contrário: “é lícito fazer o bem aos sábados” (Mt 12.12b).

Ética antropocêntrica e humanitária

Durante a história, passamos por algumas visões de mundo que geraram uma forma específica de condução da vida: o antropocentrismo. Através de uma visão metafísica e outra científica do mundo, cultivou-se a ideia de que o centro da vida é o ser humano e suas atitudes humanitárias. Num primeiro momento, aparece a preocupação do humano com uma vida pós-terrena, cuja moral e a lei descem do alto, de um mundo ideal e superior e que podem ser acessados pelos filósofos e sacerdotes, eis o Bem universal do qual participa todo bem particular; em outro momento, com o surgimento das descobertas científicas e tecnológicas, o fim deixa de ser a o céu e passa a ser a terra, o paraíso a ser descoberto e construído se encontra neste mundo. Por isso, todo investimento deve ficar aqui, neste “Paraíso fiscal”.

Visão metafísica do mundo

Marilena Chauí caracteriza a metafísica tradicional observando que ela investiga a “realidade em si” e não se baseia nos dados da experiência sensível sensorial, da qual são somente sombras e imagens, mas nos conceitos formulados pelo pensamento puro ou pelo intelecto.²

A “realidade em si” é o Bem universal, como queriam Platão e Aristóteles. Para o primeiro, é a perfeição da qual surgiu a alma e para qual vive em virtudes (República, I, 353); o segundo, partindo da

necessidade da substância, entendia o Bem como abstração ou racionalização da condição humana; naturalmente o ser humano tende ao Bem, por isso, é um ser virtuoso (Ética, I, 7). Em ambos os casos, o Bem é o “Habitat” universal. Tanto num sentido quanto no outro, falamos de uma ética que busca, através do caminho metafísico, *compreender* o que há de “mais perfeito” para o homem, ainda que se manifeste só em partes ou como aparência, ele deve se encaixar a ele.

Para o idealismo platônico, o Bem é o que faz a alma humana contemplar e almejar uma vida que, cada vez mais, progride em direção àquela realidade perfeita e absoluta. O destino do ser humano é então se tornar cada vez mais semelhante ao Bem “em si” e, morar, depois da morte corporal, em sua habitação eterna. Mas, enquanto vive nesta terra, ele não passa de imagem ou sombra do que “é perfeito” e, por isso, deve acolher a Luz que vem de cima, do universo. Assim, ao falarmos de ética platônica, consideramos que o *Ethos* é o Bem universal, que nos envolve de tal forma a nos espantar e nos levar à contemplação dos mistérios divinos. Assim, tudo o que fazemos, o fazemos em função de um fim: o Bem eterno. Aqui a ética se movimenta num duplo caminho: da “realidade em si” ao intelecto e, do ser humano que, pelo mesmo caminho, se dirige à pátria original. O fim do ser humano é a origem, isto é, voltar ao lugar de onde saiu.

Para Aristóteles, o Bem é *eudaimonia* ou felicidade e todo ser tende a ele, por ele foi envolvido e nele se realiza plenamente. Ética é, neste sentido, ciência das “atitudes humanas” e deve ser identificada em três níveis: pessoal, familiar e social. No primeiro sentido, o indivíduo racional é responsável por dominar e colocar em harmonia as leis naturais dos próprios instintos, isto é, deve organizar o seu corpo que é sua primeira morada, viver de forma inteligente e facilitar uma melhor convivência com aquilo que se encontra dentro e fora dele. No segundo, diz respeito à vida familiar, deve se preocupar com os bens materiais e espirituais: a união dos casais, a geração e educação dos filhos e a manutenção do lar. No terceiro, deve visar o bem comum, isto é, o cidadão precisa viver em paz com os outros, por isso deve garantir que

² CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2003. p. 181.

seus hábitos estejam de com uma vida social feliz. Tanto uma vida individual quanto uma vida coletiva devem procurar harmonizar as leis naturais e leis racionais a fim de formar o caráter do cidadão.

A filosofia grega ocidental e o cristianismo,³ ao se encontrarem, comungaram da mesma base metafísica, apesar dos cristãos não pregarem um sistema filosófico, mas a Boa-nova que se apresenta na pessoa de Jesus Cristo que *iluminavit vitam* (2Tm 1.10). Todo ensino relacionado à nova religião foi sustentado por conceitos oriundos da filosofia dos antigos gregos. Para os primeiros teólogos da igreja, a questão principal era: como articular a comunicação plena da felicidade eterna de Deus em argumentações humanas? Os hábitos deveriam ser analisados em referência ao *kerygma*, a mensagem de salvação de Deus para o ser humano. É neste movimento que entendemos a concepção que os cristãos tinham de Ética. A maioria dos teólogos da igreja primitiva buscava integrar o paradigma platônico-cristão. Para eles, o entendimento sobre Revelação divina se dá no horizonte racional, como bem escreve Verweyen: “o mais livre dom da Graça e revelação pode sempre vir assumido somente no horizonte de uma determinada compreensão humana”.⁴

Justino, o mártir,⁵ entendia que ética segura e proveitosa só podia ser concebida a partir da sabedoria do Evangelho, pois a razão tem uma capacidade original para atingir as verdades fundamentais de ordem ético-religiosa.⁶ Assim, a principal ideia do filósofo sobre o Bem e o ético é: “tudo o que foi dito de bom, pertence-nos a nós cristãos”.⁷ Em outras palavras, os cristãos deviam se encaixar naquilo que, *a priori*, define o que é bom e válido para se atingir a felicidade.

Agostinho entendia que a felicidade estava em enfrentar o destino através das virtudes e, tal enfrentamento se dá na prática de uma fé racional.

Apesar do pecado original, a inteligência e a vontade se voltam para o Bem absoluto, escolhendo por hábitos que expressam a verdadeira virtude. Deus criou a alma com capacidade de pensar, ela deve ser estimulada a escolher a verdade e o amor ao Bem, combatendo os erros e os vícios, mediante as virtudes da prudência, fortaleza, temperança, justiça.⁸ Mas, a inteligência e a vontade humanas devem se submeter à Graça divina, pois é por ela que o ser humano pode compreender que “não se pode amar o amor se não se ama quem ama”.⁹ A ideia de Agostinho sistematizaria, mais tarde, uma concepção de mundo, de humano e de Deus, fundamental para enfrentar os hábitos não agradáveis a Deus como o orgulho, a preguiça, a luxúria, a avareza e a ira.¹⁰

Na Idade Média, a Escolástica, na corrente tomista, diversamente dos primeiros cristãos, orientou-se pela sabedoria aristotélica. Com ela, as verdades reveladas da teologia cristã se unem para construir o saber humano sobre Deus.

Batista Mondin, ao referir-se à ética de São Tomás de Aquino, observa que seus pontos centrais estão na diferenciação entre ética natural e ética cristã. O seu tratamento sobre as virtudes se dá no âmbito da lei natural ou moral e lei eterna ou teológica.¹¹ Lei natural é a participação racional da natureza na Lei eterna de Deus. Porém, há que diferenciar a lei natural da lei humana. Se esta é um imperativo imposto pelo ser humano, aquela é a lei natural inscrita na alma humana. A pessoa se inclina, naturalmente, à lei humana, em primeiro lugar porque há uma lei comum para todos os homens; em segundo, porque tal lei é também comum para os animais e, por último, mais específica, busca o conhecimento da verdade. Porém, a lei natural tem como princípio absoluto: “fazer o bem e evitar o mal”. A lei natural está em conformidade com o ser humano ao lhe fornecer segurança no encontro consigo mesmo e na busca da felicidade, por isso é racional. É através da razão, iluminada, que o homem persegue o seu fim último: a felicidade. Essa ideia concorda com Aristóteles ao estabelecer o fim último

³ Cf. SOUZA, J. N. *Imagem humana à semelhança de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2010.

⁴ VERWEYEN, H. *Ragione\Fede*. In: *Dizionario di Teologia Fondamentale*. Assisi: Citadella, 1990. p. 887.

⁵ Cf. HAMMAN, A. *Os padres da Igreja*. São Paulo: Paulus, 1980. p. 25-34.

⁶ Cf. 1 *Apol.* 46, 3; 2 *Apol.* 13; 10, 8.

⁷ 2 *Apol.* 13; MIGNE, P. G., VI, 465; Cf. GILSON, E. *L'Esprit de la Philosophie Médiévale*, Paris: 1969. p. 22.

⁸ Cf. AGOSTINHO. *Cidade de Deus*, XXII, 24, 3.

⁹ AGOSTINHO. *Trindade*, VIII, 12.

¹⁰ AGOSTINHO. *Confissões*. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 71.

¹¹ Cf. MONDIN, B. *Ética*. In: *Dizionario enciclopédico Del pensiero di San Tommaso d'Aquino*, Bologna: ESD, 1991.

como a realização plena das capacidades intelectivas do ser humano ou a contemplação da verdade plena.

A filosofia grega e a teologia cristã trouxeram uma nova reflexão ética. Se os gregos pensavam na formação do cidadão a partir de uma ética de valores eternos, o cristianismo, a partir de Agostinho, sistematizou uma teologia pensando no cidadão do céu que, por si, devia também pautar sua atitude sob a direção de verdades eternas e imutáveis. A ética, pensada tanto no contexto grego, quanto no estilo cristão, remete-se à comunidade que, ao contemplar as virtudes eternas, as concretiza na coletividade.

Visão física ou científica do mundo

Com o advento da modernidade, a ética é abordada sob outro ponto de vista: é o sujeito o fim de toda reflexão sobre a moral. Não há mais a ideia de que a pessoa deve adaptar-se às leis e valores pré-estabelecidos, sejam divinos ou não. O indivíduo racional, como analisava René Descartes, exerce seu poder sobre a natureza, transformando-a; ele passa a ser o centro de toda finalidade ética: os interesses da burguesia opõem-se à coletividade, o capital ao trabalho, o econômico ao político, o indivíduo ao coletivo, o pragmático ao teórico, o progresso (contínuo movimento) à eternidade (imutável). Instaura-se uma nova ética centrada no “demasiadamente humano”.

Adam Smith (1723-1790), em *A riqueza das nações*, expõe sua ética que serviu de base para toda a economia liberal e neoliberal. Para ele, naturalmente, o ser humano tende à relação de troca, surgindo daí a divisão de trabalho, com suas vantagens e riquezas. Mas, também a ajuda dos semelhantes é importante para o indivíduo. Por isso, argumenta que se mostrarmos ao outro o que lhe é vantajoso provavelmente ele nos dará o que precisamos e queremos. No fundo, defende a ideia de que se pode obter maior lucro na coletividade se apelarmos não à alteridade dos indivíduos, mas se incentivarmos a defesa dos seus interesses econômicos, próprios nas relações de mercado.¹² Aí o interesse particular (a maximização do lucro) de

uma classe (capitalista) passa a ser identificado com o interesse geral, da coletividade.

Se o medieval contempla o mundo enquanto criação divina, o moderno o observa a partir da realidade, de “baixo” e não existe nada que não seja revelado pelo homem; tudo é sondável pela ciência. O Bem infinito ou o “Habitat” utópico se concretiza no Estado e na capacidade do homem de se bastar pelas leis formuladas segundo seus próprios interesses. Acentua-se o ser humano como criador de tudo e fim de todas as coisas. Tal ideia traz um pensamento de exploração, poder e bem-estar, próprio do paradigma antropocêntrico que se centra no indivíduo, na sua autonomia e na racionalidade instrumental capaz de progredir tecnicamente, justificado pelo mercado e o Estado.¹³

Ética planetária com base na vida: um novo paradigma

A crise atual. O ser humano livre para concorrer, gerar riquezas e conhecer o paraíso que deve construir já neste mundo é o senhor de tudo. O desejo de acumulação infinita e de consumo sem limites exige uma exploração desenfreada dos recursos naturais escassos. Por mais que se queira esquecer que o meio ambiente é finito, limitado, não se pode esconder este fato por muito tempo. A destruição de florestas, na ânsia de maximizar o lucro, tem custos ecológicos que ameaçam toda vida na terra.

A revolução industrial e a ideia de progresso, iniciada no século XVIII, levaram os países desenvolvidos, do final do século XX, a sentirem de fato os efeitos de atitudes baseadas no poder, no saber e no lucro. Jung Mo Sung em 2003 observava que estes países consomem 70% da energia mundial, 75% dos metais, 85% da madeira 60% dos alimentos, além de serem responsáveis por 80% da poluição da terra (só os EUA com 23%), passados sete anos, estes dados, já não são iguais, foram alterados. Mas, também foram os países industrializados os primeiros a dar o grito em

¹² MO SUNG, Jung. *Conversando sobre ética e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 62.

¹³ Cf. JUNGES, José R. Interfaces entre saúde e ecologia em tempos de crise ambiental. In: BRUSTOLIN, L. A. *Bioética*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 132.

direção a uma nova sociedade, mais respeitosa e cuidadosa com a natureza. Há um descaso em relação à natureza. Por isso, ela se encontra em constante ameaça. Os seus habitantes, o homem, os animais, os vegetais e os minerais, poderão não mais existir, dentro de pouco tempo, se não houver uma reflexão ética que possa transformar a atual visão de mundo antropocêntrica, cuja ideologia determina o poderio do ser humano.

O teólogo Leonardo Boff alerta sobre os problemas de dimensões planetárias como, por exemplo: a crise social; a crise do sistema de trabalho e a crise ecológica. Para ele, são problemas que suscitam a urgência de uma ética mundial. No que diz respeito à crise ecológica, observa, em tom profético, que o homem está construindo o princípio de autodestruição. A irresponsabilidade humana pode danificar a biosfera e as condições de vida que nela existe, ameaçando desequilibrar os climas, a água potável, a química dos solos, os micro-organismos, e as sociedades humanas. É preciso uma ética de corresponsabilidade mundial, em que se possa incluir uma ecologia que venha garantir a existência do planeta.¹⁴

Deparamo-nos com sinais graves de destruição ambiental: a poluição nas grandes cidades, chuvas ácidas e outros fenômenos relacionados ao efeito estufa e ao lixo, uma das situações mais preocupantes hoje. Uma cidade desenvolvida com 100.000 habitantes produz em média 1kg de lixo sólido por indivíduo, isto quer dizer que diariamente são produzidas 100 toneladas de lixo sólido. Numa pesquisa¹⁵ feita em 108 municípios, constatou-se que somente 32 possuíam aterros sanitários. E os demais, onde depositam? São jogados nos rios e nos “lixões” periféricos. Lá tem de tudo, desde lixos domésticos e industriais até fetos mortos, vitimados por abortos clandestinos. Lá estão crianças, adultos, animais e urubus disputando comida. Daqueles que procuram coisas para vender e ganhar um dinheirinho, 70% são crianças expostas às doenças e aos acidentes. Infelizmente, 90% das cidades não separam o lixo reciclável do não-reciclável. É preciso uma

conscientização de que nós somos os habitantes dessa terra e, principalmente, de nossos hábitos. Por isso, devemos discernir, com responsabilidade e solidariedade, o que é bom para a vida do planeta. É preciso reivindicar políticas públicas que possam ajudar a preservar os nossos lençóis freáticos, ameaçados pela falta de impermeabilização do solo e as substâncias tóxicas, como o chorume (líquido produzido pela decomposição de materiais) e o metano, prejudiciais à camada de ozônio.

O que fazer? Habitar os nossos hábitos de forma consciente de tal modo a transformá-los. Não podemos mais conceber uma dicotomia entre o humano e não-humano. Fazemos parte desta “teia da vida” e qualquer agressão causada a este habitat natural, nos atinge. Deve haver uma mudança nos hábitos para, não só frear o caos vindouro, mas articular maneiras de preservar a natureza, como observa Minayo, num “processo de construção de novas subjetividades pela participação em projetos de mudanças em uma ótica de desenvolvimento sustentável e de cumplicidade com as gerações futuras”.¹⁶

Sejam éticas de conservação que propõem normas que limitam o agir humano; sejam éticas de preservação que procuram preservar o meio ambiente tendo em vista um melhor conhecimento humano, ligado à ciência, à estética e à religião, ainda estão voltadas para os interesses humanos e não consideram a vontade de viver de todos os seres habitantes desta Biosfera. J. R. Junges observa que tais atitudes não superam a concepção de dominação que se tem sobre o ser humano. Por isso, “trata-se de assumir uma perspectiva holística, adotando formas trans-pessoais em atitudes junto à natureza. Assim surge um ser humano ecoico em vez de egoico, que se compreende essencialmente como um ser em relação”.¹⁷

Precisamos nos conscientizar de que somos sujeitos de nossos hábitos e, por isso, podemos transformá-los frente ao caos ecológico que se instala cada vez mais. É necessária uma reflexão sobre o Bem, não só no âmbito humano, mas no âmbito global. Neste sentido, tem razão P. Singer

¹⁴ BOFF, 2003, p. 11-16.

¹⁵ Cf. WRONISKI, E. *Estado do Paraná*, Curitiba, quinta-feira, 9 dez. 2004.

¹⁶ Cf. JUNGES, 2010, p. 139.

¹⁷ JUNGES, José R. *Ética ambiental*. São Leopoldo: Unisinos, 2004. p. 22.

ao dizer que há argumentos suficientes, em favor dos humanos e não-humanos que habitam a floresta, para mostrar que o valor da preservação das matas ultrapassa em muito o valor do que se ganha por sua destruição.¹⁸

A ideia de que o homem é o dominador da criação, como vemos, ao abordar os paradigmas tradicional e moderno, deve ser esquecida, pois se ela foi implantada, de forma dogmática, visando o bem-estar humano, agora devemos considerar o bem-estar de todas as criaturas vivas ou não que moram neste grande “Habitat” e que tem o fim em si mesmo. Há uma nova consciência planetária cuja proposta se orienta em direção à “ajuda mútua” com responsabilidade, não mais do ponto de vista dominador-dominado, mas da solidariedade e interdependência. Neste sentido, urge uma espiritualidade da compaixão, que se coloque diante desta realidade com responsabilidade e que possa quebrar, como diz L. Boff, “a relação de posse das coisas para estabelecer uma relação de comunhão com as coisas. Mais do que usar, contemplar”.¹⁹ O ser humano depende da natureza e a natureza depende dele, ambos dependem de uma força divina que possa conservar uma espiritualidade, não centralizada ou limitada, mas global, que anuncie o verdadeiro sentido da salvação.

[Recebido em: dezembro de 2010.
Aceito em: agosto de 2011].

¹⁸ SINGER, Peter. *Vida ética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 136.

¹⁹ BOFF 2003, p. 134.